

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS

HILMA BARRETO HOLANDA

O LIVRO DOS SALMOS E A LITERATURA

PORTO ALEGRE
2014

HILMA BARRETO HOLANDA

O LIVRO DOS SALMOS E A LITERATURA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Letras.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Márcia Ivana de Lima e Silva.

PORTO ALEGRE

2014

Agradeço a Deus por todas as coisas boas que ele já fez na minha vida e pelo aprendizado das situações difíceis que ele permitiu, pelo cuidado comigo em cada detalhe, por ter mudado o curso da minha história e me dado novas perspectivas e sonhos.

AGRADECIMENTOS

Ao meu pai, José Barreto, pelo apoio em momentos de dificuldades; à minha mãe, Maria de Fátima, pela dedicação e orações; aos meus irmãos, Jânio, Máximo, Jaime, Diego e Linda (minha irmã do coração), pelas alegrias e tristezas compartilhadas. Agradeço às minhas cunhadas, Cristina, Jenifer e Geórgia, e a meus lindos sobrinhos e sobrinhas, Ane e Giovana, Rafael, Natanael e Natália, pelas risadas e confusões dos almoços de domingo, passeios e aniversários.

Minha gratidão a pessoas especiais que contribuíram na formação da minha identidade e ajudaram a construir o caminho para chegar até aqui, ensinando-me a amar a leitura e a Bíblia: D. Gercina, Sr. Carlinhos, Rute e Ester; Pr. Iron e Marisa. Vocês me mostraram, ainda pequena, que eu podia ir mais longe do que jamais imaginara.

Aos meus amados pastores Daniel e Samuel, que ativaram meu ministério e com quem aprendi a sonhar os sonhos de Deus.

Aos meus amigos, por terem compartilhado comigo momentos de crise em que pensei em desistir, especialmente a Gê, por ter se tornado ao longo desses anos a irmã que eu não tive e por ficar mais feliz que eu pelas minhas conquistas.

Aos meus colegas do DEMHAB, especialmente à Gicelda e à Graça, pelo incentivo, pelas liberações para estudo e por me cobrirem em minhas licenças.

Agradeço ao meu marido por ter suportado tantas noites de luz acesa no quarto enquanto eu fazia meus trabalhos, por ter sido meu amigo, meu companheiro e ter me feito feliz ao longo desses 15 anos de casamento, por ter tido muita paciência em 11 anos, uma Licenciatura e metade de um Bacharelado. Este diploma é também seu, meu amor.

Agradeço à minha filha amada, princesa Amanda, por nunca ter me cobrado o tempo em que estive ausente e por ter feito meus dias mais felizes do que imaginei ser possível.

Agradeço ao bebê que estou gerando há poucas semanas por ter esperado eu me formar para vir ao mundo no tempo perfeito de Deus para mim.

Agradeço à minha orientadora, a querida Márcia Ivana, por toda a ajuda e por ter compreendido a minha proposta neste trabalho.

Costumo definir este livro como uma anatomia de todas as partes da alma, porque não há sentimento no ser humano que não esteja aí representado como num espelho. Diria que o Espírito Santo colocou ali, ao vivo, todas as dores, todas as tristezas, todos os temores, todas as dúvidas, todas as esperanças, todas as preocupações, todas as perplexidades até as emoções mais confusas que agitam habitualmente o espírito humano.

(JOÃO CALVINO, sobre o Livro dos Salmos)

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo observar as características literárias do livro bíblico dos Salmos, bem como sua estrutura e os elementos estilísticos do texto, a partir das discussões filosóficas de Louis Monloubou, Robert Alter e Northrop Frye.

Palavras-chave: Salmos. Cântico. Poesia. Oração. Literatura.

RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo la observación de los rasgos literarios del libro bíblico de los Salmos, así como su estructura y características estilísticas del texto, a partir de las discusiones filosóficas de Louis Monloubou, Robert Alter y Northrop Frye.

Palabras clave: Salmos. Canto. Poesía. Oración. Literatura.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 VERSÃO USADA	11
2 OS SALMOS NA BÍBLIA.....	12
3 FORMAÇÃO E DIVISÃO DOS SALMOS	13
3.1 Salmos e poesia	17
3.2 Estrutura	20
3.2.1 <i>Os versos</i>	20
3.2.2 <i>O refrão</i>	22
3.2.3 <i>As estrofes</i>	26
3.2.4 <i>A repetição</i>	28
3.2.5 <i>A inclusão.....</i>	29
3.2.6 <i>O paralelismo</i>	31
3.2.7 <i>A linguagem simbólica</i>	35
3.3 Temas.....	38
3.4 Gêneros literários.....	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
BIBLIOGRAFIA	51

INTRODUÇÃO

A Bíblia é um livro enraizado nas culturas, nas línguas e nas tradições da Antiguidade e, ainda assim, consegue tocar a vida dos leitores de hoje. Mais especificamente o Livro dos Salmos, de forma poética popular e acessível a todos, conquista os leitores contemporâneos, pois, ao contrário dos demais livros da Bíblia, em que Deus fala com o ser humano, em Salmos, o ser humano fala com Deus. Ali o herói se revela desastrosamente humano, possibilitando que qualquer pessoa possa se identificar com o autor e inspirar-se em algum Salmo para fazer orações e súplicas a Deus em tempos de angústia ou mesmo expressar sua gratidão por alguma bênção recebida.

O estudo realizado neste trabalho busca compreender a forma poética dos Salmos e pretende investigar a autoridade literária desses textos, cujo estudo é bastante negligenciado no meio acadêmico.

Sem ignorar as questões religiosas como a da autoria/inspiração divina e outras como as discussões sobre o período histórico em que os personagens viveram ou a ultrapassada guerra entre ciência e teologia, que não são o objetivo deste trabalho, vou investigar as características literárias dos Salmos.

Para tanto pergunto: que importância literária têm esses escritos? Eles possuem valor estético? Quais são seus elementos estilísticos? A Bíblia é apenas um livro religioso que narra a história do povo judeu e dita as leis que todos devem seguir?

Tenho consciência de que este trabalho não tem condições de abordar todos os aspectos sobre o assunto, e menos ainda de aprofundá-lo. Espero pelo menos levantar alguns questionamentos e despertar o interesse para outras pesquisas sobre o tema, que parece ser inesgotável.

Na faculdade de Letras, descobri gradativamente que o texto bíblico era literariamente relevante e, à medida que os estudos avançavam, descobria novas relações entre as teorias que aprendia e o que já conhecia da Bíblia. Esse tema me fascinou, pois descobri que muitas teorias interessantes da área da linguística, da morfologia e sintaxe me remetiam ao texto bíblico, que me parecia cada vez mais interessante. Percebi na Bíblia infinidades de características que se encaixavam perfeitamente com a teoria literária e, no caso dos Salmos, também com a poesia. O

texto que para mim tinha valor apenas religioso foi revelando características artísticas de um trabalho elaborado não apenas para transmitir uma mensagem superficial, mas para tocar o leitor de qualquer língua, cultura e tempo em todos os níveis dos sentidos que a literatura permite, rompendo as barreiras que a tradução de um texto escrito em uma língua tão antiga como o hebraico poderia causar. Descobri, surpresa, que os princípios formais da literatura foram contemplados na Bíblia e que as cenas, imagens e tipos da Bíblia são a base de toda a literatura ocidental.

A palavra Bíblia é o plural do termo grego “biblos” ou “biblion”, que quer dizer “rolo” ou “livro”. Inicialmente “ta biblia” quer dizer “pequenos livros”. É uma coleção de livros. São Jerônimo, tradutor da Vulgata Latina, chamou pela primeira vez o conjunto dos livros do Antigo Testamento e Novo Testamento de “Biblioteca Divina”. Na escrita dos diversos livros da Bíblia, foram utilizados três idiomas diferentes: o hebraico, o grego e o aramaico. O Antigo Testamento foi escrito em hebraico, com alguns textos em aramaico. Quase todos os livros do Novo Testamento foram escritos em grego comum. Entre o terceiro e o primeiro século a.C., em Alexandria, a Bíblia foi traduzida do hebraico para o grego koiné, recebendo o nome de Septuaginta. E mais tarde, no final do século IV, início do século V, foi escrita a Vulgata, versão do grego para o latim, traduzida por São Jerônimo.

Os livros da Bíblia foram escritos dentro de um período de cerca de 1600 anos por mais de 40 pessoas de épocas, sociedades, culturas e profissões distintas, e reunidos em uma coleção de livros com início e fim e, segundo Northrop Frye, com “resquícios de uma estrutura completa”. Ela é lida no Ocidente como uma unidade, e não se pensa nela como uma coleção de 66 pequenos livros. Sobre isso, Frye escreve:

Ela começa com o começo do tempo, na criação do mundo; e termina com o término do tempo, no Apocalipse. No meio do caminho, ela resenha a história humana, ou o aspecto da história que lhe interessa... Há também um corpo de imagens concretas: cidade, montanha, rio, jardim, árvore, óleo, fonte, pão, vinho, noiva, carneiro e muitas outras. Elas são tão recorrentes que indicam claramente a existência de um princípio unificador. (FRYE, 2004, p. 11)

Ou seja, a Bíblia tem uma estrutura unificada de imagens e narrativa.

Escolhi o Livro dos Salmos porque o texto perpassa toda a Bíblia aliando aspectos históricos, geográficos, culturais, simbólicos, proféticos, espirituais e outros às características literárias da prosa e principalmente da poesia. Assim, como qualquer poesia, comove, sensibiliza, desperta sentimentos, inspira e encanta. Desse modo, qualquer leitor pode se identificar com as angústias e alegrias expressas pelos autores, mesmo que não tenha conhecimento técnico sobre literatura e ainda que não alcance todas as nuances da interpretação, pois é necessário amplo conhecimento do texto bíblico como um todo para que se consiga ligar a poesia ao contexto histórico e cultural, e a outros textos bíblicos distantes em todos os aspectos já mencionados e que carregam a mesma ideia e se completam.

1 VERSÃO USADA

Os autores pesquisados para este trabalho usaram em suas pesquisas a Versão Autorizada do Rei James da Inglaterra, versão cristã usada pelos evangélicos, escolhida por não conter os apócrifos¹. No meu trabalho darei preferência à versão brasileira revista e atualizada de João Ferreira de Almeida², também cristã evangélica, que é uma das mais utilizadas e também não contém os apócrifos.

Também busquei a tradução mais aproximada da original. Porém, a Bíblia brasileira não foi traduzida diretamente dos originais em hebraico, aramaico e grego. De acordo com a Sociedade Bíblica do Brasil, a tradução do Antigo Testamento foi feita a partir da Bíblia Stuttgartensia, publicada pela Sociedade Bíblica Alemã. Já para o Novo Testamento, é utilizado *The Greek New Testament*, editado pelas Sociedades Bíblicas Unidas. Conforme informa o site, “essas são as melhores edições dos textos hebraicos e gregos que existem hoje, disponíveis para tradutores”.

Não tenho conhecimento suficiente para fazer comparação com os originais em hebraico. Exceto por algum aspecto nos autores pesquisados, ao qual não pudemos nos furtar, nos guiaremos pela tradução brasileira de que dispomos, sabendo que muita arte da poesia hebraica se perde na tradução. Porém, ainda muitos aspectos nos sobram para analisarmos, os quais rompem as barreiras da tradução e chegam até os leitores de diversas línguas ao redor do mundo. O que podemos notar é que cada língua carrega um aspecto das palavras-chave do texto original e que esses aspectos somados completam o sentido original da palavra. Quem tem acesso ao texto em outras línguas absorve melhor o sentido original da palavra, aprofundando a compreensão e os sentidos do texto.

¹ Estes são livros que, segundo os evangélicos (protestantes), não foram inspirados por Deus e que não fazem parte do cânon sagrado, por mostrarem um Cristo diferenciado dos Evangelhos, apresentando-o exclusivamente como Deus, sem as limitações e sentimentos humanos, tornando sua morte algo fácil e diminuindo o tamanho do sacrifício realizado pelo Salvador. Em outros livros, entretanto, a imagem de Jesus é excessivamente mundana e está em desacordo com a imagem passada pelos quatro Evangelhos oficiais. Os livros que foram reconhecidos como canônicos em um segundo momento pela Igreja Católica são: Tobias, Judite, I e II Macabeus, Sabedoria de Salomão, Eclesiástico (também chamado de Sirácide ou Ben Sirá), Baruc (ou Baruque) e também as adições em Ester e em Daniel – nomeadamente os episódios da História de Susana e de Bel e o dragão.

² Todas as citações dos Salmos deste trabalho se referem a esta versão da Bíblia.

2 OS SALMOS NA BÍBLIA

Em hebraico, o nome “Sefer Tehilin” significa “livro dos louvores”. O nome “Salmos” vem da língua grega “Psalmos”. Na versão LXX (Septuaginta), o nome aparece como “Biblos Psalmon” (livro dos Salmos). Os manuscritos gregos de modo geral trazem o título “Psalmoi”, mas alguns os denominam “Psalterion” (saltério), que provavelmente significou “instrumento com que se acompanha o cântico” e depois passou a significar “coleção de cânticos”. Assim, o saltério seria a coleção de cantos e hinos feitos para expressar os sentimentos da alma do povo hebreu em relação ao seu Deus. Porém, podemos dizer que o saltério é a coleção de 150 Salmos usados por Israel em suas distintas manifestações a Deus, expressão de seus sentimentos religiosos e patrióticos. Na Vulgata, o livro assume o nome de “Liber Psalmorum”.

Em português, a versão de Almeida revista e atualizada chamou essa coleção de 150 Salmos de “O Livro dos Salmos”. Todavia, esses poemas-orações não se encontram apenas nesse livro, mas estão espalhados em todas as categorias dos livros Bíblicos e se dividem em dois tipos principais: louvores e súplicas.

As orações de louvor, especialmente, mas também as de súplica tinham grande importância na vida dos heróis bíblicos. Isso aponta para uma estreita ligação que Israel estabelecia entre a ação cultural do povo de Israel, ambiente em que se desenvolvia a oração sálmica, e a pregação da palavra dos profetas ou o ensinamento da reflexão de sabedoria.

A presença dos Salmos nos livros “narrativos” mostra que Israel compreendia e vivia a articulação da história e da oração, do acontecimento e do louvor, do gesto salvador e da contemplação reconhecida, proveniente de um coração “que reconhecia” a origem divina desse gesto. (MONLOUBOU, 1996, p. 14)

Esse autor explica que, para compreendermos os Salmos, devemos ter em mente que a veia sálmica não é uma produção de orações acabadas para o uso devocional de fiéis despreparados para exprimir sua súplica ou ações de graças, mas a reação de louvor e de reconhecimento do crente à presença eficaz do Deus que salva seu povo.

3 FORMAÇÃO E DIVISÃO DOS SALMOS

Os Salmos são de natureza antológica, porém pouco sabemos sobre como foi organizada esta antologia e sobre a data de composição das peças. O pouco que podemos inferir do texto se refere mais ao contexto desses poemas.

A coleção bíblica é composta de poemas provavelmente escritos ao longo de mil anos, desde a época de Moisés, no século 15 a.C., até a época de Esdras, no século 5 a.C. É bem provável que os Salmos fizessem parte da tradição oral. Não podemos datar a maioria deles, pois raramente apresentam alguma alusão cronológica. Entretanto, sabemos que não foram compostos de uma só vez e nem por um só autor.

Embora os Salmos sejam conhecidos como Salmos de Davi, o livro foi escrito por diversos autores. Robert Alter explica que os estudiosos concluíram que o sobrescrito “um Salmo de Davi”, que encabeça muitos dos poemas, é obra de autor tardio. Além disso, não está claro que esses sobrescritos se destinavam a afirmar autoria, pois a partícula hebraica “le” em tais fórmulas, geralmente traduzida como “de”, não implica necessariamente um “por” autoral, e poderia indicar “à maneira de”, “segundo o padrão de”, ou às vezes “para o uso de”.

Segundo Monloubou, nos tempos antigos não havia a mesma preocupação que temos hoje com o autor real de uma obra. As mentalidades da época se preocupavam mais com referências a personalidades que ajudassem a compreender o sentido dos textos. “Em geral a Bíblia identifica o autor de um escrito somente quando está em causa uma mensagem precisa”. (MONLOUBOU, 1996, p. 26)

Segundo o autor, o Livro dos Salmos está dividido em cinco partes que foram chamadas de livros ou livretes sálmicos. Cada livro é encerrado por fórmulas doxológicas, ou seja, breves hinos de louvor. Essa divisão em cinco partes era considerada como tendo correspondência com os cinco livros de Moisés, e presume-se que cada passagem de Pentateuco era lida em paralelo com o Salmo que lhe correspondia.

Livro I – Salmos 1 - 41

Livro II – Salmos 42 - 72

Livro III – Salmos 73 - 89

Livro IV – Salmos 90 - 106

Livro V – Salmos 107 - 150

Assim, temos o primeiro livro composto pelos Salmos 1-41 e encerrado da seguinte maneira: “Bendito seja o SENHOR, Deus de Israel, da eternidade para a eternidade! Amém e amém!”

O segundo livro, composto dos Salmos 42-72, termina por: “Bendito seja o SENHOR Deus, o Deus de Israel, que só ele opera prodígios. Bendito para sempre o seu glorioso nome, e da sua glória se encha toda a terra. Amém e amém!”

O terceiro livro compreende os Salmos 73-89, encerrando-se com a seguinte doxologia: “Bendito seja o SENHOR para sempre! Amém e amém!”

O quarto livro é constituído pelos Salmos 90-106, concluindo com estas palavras: “Bendito seja o SENHOR, Deus de Israel, de eternidade a eternidade; e todo o povo diga: Amém! Aleluia!”

Ao último livro pertencem os Salmos restantes (107-150), com todo o Salmo 150 funcionando como hino de louvor.

Salmos 150

Aleluia! Louvai a Deus no seu santuário; louvai-o no firmamento, obra do seu poder.

Louvai-o pelos seus poderosos feitos; louvai-o consoante a sua muita grandeza.

Louvai-o ao som da trombeta; louvai-o com saltério e com harpa.

Louvai-o com adufes e danças; louvai-o com instrumentos de cordas e com flautas.

Louvai-o com címbalos sonoros; louvai-o com címbalos retumbantes.

Todo ser que respira louve ao SENHOR. Aleluia!

O Salmo 1 serve como introdução de toda a obra, pois apresenta o sentido principal de todo o livro. No final, apresenta o Salmo 150 por ser um hino de caráter conclusivo.

Salmo 1

Bem-aventurado o homem que não anda no conselho dos ímpios, não se detém no caminho dos pecadores, nem se assenta na roda dos escarnecedores.

Antes, o seu prazer está na lei do SENHOR, e na sua lei medita de dia e de noite.

Ele é como árvore plantada junto a corrente de águas, que, no devido tempo, dá o seu fruto, e cuja folhagem não murcha; e tudo quanto ele faz será bem sucedido.

Os ímpios não são assim; são, porém, como a palha que o vento dispersa. Por isso, os perversos não prevalecerão no juízo, nem os pecadores, na congregação dos justos.

Pois o SENHOR conhece o caminho dos justos, mas o caminho dos ímpios perecerá.

Para compreendermos melhor, achei importante colocar aqui um quadro explicativo com a linha do tempo, conforme o Novo Comentário Bíblico – Antigo Testamento:

LINHA DO TEMPO
Cronologia em Salmos
Ano 1430 a.C. – Alguns Salmos mais antigos, escritos durante a época de Moisés
Ano 1405 a.C. – Josué sucede a Moisés
Ano 1050 a.C. – Saul se torna rei de Israel
Ano 1010 a.C. – Davi começa a reinar em Hebrom
Ano 1010 – 970 a.C. – Muitos Salmos escritos por Davi
Ano 970 a.C. – Morte de Davi, Salomão se torna rei
Ano 970 – 930 a.C. – Muitos Salmos escritos por Salomão
Ano 930 a.C. – Morte de Salomão, o reino se divide
Ano 550 a.C. – Últimos escritos na Babilônia

Segundo explicação de L. Monloubou, a primeira coleção de Salmos é atribuída a Davi (Salmo 3-41). É a coleção mais antiga. Outra coleção atribuída a Davi é constituída pelos Salmos 51- 72, que data do começo do exílio.

Os Salmos 42- 49 são atribuídos aos filhos de Coré, levitas que serviam no templo e contam a peregrinação, as derrotas. Em sua maioria, anteriores à destruição de Jerusalém.

Depois temos a coleção atribuída aos filhos de Asaf, que compreende os Salmos 73-83 e é anterior ao exílio. O Salmo 50, atribuído a Asaf, une-se à coleção davídica 3- 41.

A maioria das coleções é anterior à destruição de Jerusalém, formando o grande conjunto dos Salmos 3- 88 enquadrados por dois Salmos reais ou monárquicos, o Salmos 2 e 89, formando o “Livro de oração do segundo Templo”.

Existiam ainda diversas séries de poemas agrupados por assuntos; um grupo é enquadrado por um poema antes de uma série e outro depois, formando um grande conjunto.

Existem ainda séries agrupadas por assuntos, como os Salmos 93-100, que são os “Salmos do Reino de Javé”; e 103-107, os Salmos de louvor. Essas duas séries são agrupadas a três textos davídicos, 108-110, e são unidas ao grande conjunto 2-89, formando a série 2-110, em que 2 e 110 são poemas reais que enquadram a série maior.

Assim, eles prosseguem como no modelo matemático, em que os parênteses vêm primeiro, depois os colchetes e as chaves.

Luís Alonso Schökel, em seu Salmos I, escreve que existe convergência e acordo nas linhas gerais, porém os comentadores divergem em muitos pontos particulares, fazendo com que a classificação seja fluida. Ele explica que isso não é estranho, pois a classificação tipológica é uma operação secundária e erudita baseada em dados reais. A questão é que a realidade não é rigorosa.

Por exemplo, a maior parte dos Salmos parecem ser litúrgicos, mas alguns têm função ou desenvolvimento litúrgico particular que os coloca à parte. A súplica individual pode-se fazer em caso de enfermidade, de perigo, de perseguição, de acusação falsa, o que pode originar gêneros diferenciados e subgêneros. A confiança invade a súplica e a ação de graças confunde-se com o hino. (SCHÖKEL, 1996, p. 82)

A grande série 1-110 é de Salmos reais, geralmente usando as palavras o *Senhor reina*. As séries 2-41 (omitindo o 33), 51-72, 108-110 e 137-145 são atribuídas a Davi, principalmente a 51-72. Talvez nem todos sejam composições de Davi, porém a marca e o estilo do poeta estão evidentes ali.

Temos ainda a série 111-118, de amor à lei ou Salmos da Torá. Provavelmente da época de Esdras, eles falam da beleza, verdade e suficiência da lei de Deus. Há ainda os Salmos das subidas, ou Cânticos dos Degraus, 120-134, usados para animação nas peregrinações, e a série do Hallel, 113-150, Salmos de exaltação a Deus pelo seu caráter e por suas obras salvadoras.

Todavia, não podemos classificar os Salmos de maneira a reduzi-los, sacrificando as características individuais de cada um ao ponto de acreditarmos que dessa maneira estará tudo explicado. O gênero deve ser classificado de forma a permitir o início de uma análise do individual, comparando e diferenciando cada poema.

3.1 Salmos e poesia

A poesia dos Salmos é formada por vários elementos estilísticos. Para compreendê-los, precisamos conhecer seus meios de expressão. Os poemas eram cantados ou, como era tradição, recitados em voz alta. Assim, os autores usavam de diversos efeitos sonoros como aliterações, assonâncias, algumas rimas, as repetições de sons semelhantes ou destacando sons e ideias diferentes.

Segundo Robert Alter, não podemos afirmar que todos os Salmos fossem usados liturgicamente ou que todos eram realmente cantados. O texto deixa claro, a partir de algumas indicações de instrumentos musicais ou respostas em antífonas, que alguns desses poemas fossem cantados ou executados no ambiente do templo. Devemos ter claro que os salmistas, como outros tipos de poetas, faziam uso de metáforas, e não podemos “*reduzir todas essas metáforas a fatos de cultos literais*”. (Alter, 1997, p. 266)

De acordo com o estudo de Monloubou, os povos antigos tinham o costume de recitar a poesia em voz alta e, por isso, seu ouvido era apurado para perceber as qualidades sonoras da linguagem poética.

O Salmo 122, como uma vitrina, apresenta exemplos desses diversos efeitos sonoros.

A rima não é usada pelos salmistas, sendo notável, por isso, que os quatro últimos versos desse poema rimem entre si. Os versículos 6 e 7 terminam respectivamente com o som *ayik*; os versículos 8 e 9, que começam com *lema'an* e terminam com a sonoridade *ak*. A aliteração, ou repetição das mesmas consoantes, aparece principalmente nos versículos 4a: *shesham 'alu shebatim shibetey-yah* (4 vezes o som *sh*); 4b: *lyshrael... Ishém* (*Ish*, 2 vezes); 6: *sha'alu shalom yerushalaim* (*shl*, 3 vezes); 6: *sha'alu shalom yerushalaim* (*shl*, 3 vezes). Aliás, essas aliterações fazem parte de um conjunto de repetições que põe em evidência a consoante *shin*. A coleção de termos que fazem ouvir este *shin* é extensa; são eles: v. 1, cântico; “alegrei-me” (*sin* por *shin*); v. 2, portas, Jerusalém (que está construída); v. 4, que, lá, as tribos (2 vezes), Israel, o nome; v. 5, a morada, o julgamento; v. 6 pedi, a paz, Jerusalém, que estejam em paz; v. 7, a paz, a prosperidade; v.8 a paz; v.9, eu peço. (MONLOUBOU, 1996, p. 28)

Essa coleção coloca em destaque as palavras Jerusalém e paz, cujo som retomado constantemente põe em evidência os dois termos, que são o centro do Salmo e dão sentido à repetição de sons.

Veja a transliteração no quadro abaixo lendo as palavras da esquerda para a direita da Bíblia Hebraica Stuttgartensia:

Salmos 122:1

Cântico dos degraus, de Davi ALEGREI-ME quando me disseram: Vamos à casa do SENHOR.

שִׁיר הַמַּעְלוֹת לְדָוִד שְׁמַחְתִּי

SÂMACHĒTY LĒDĀVIDHAMAALOT SHYR

בְּאִמְרִים לִי בֵּית יְהוָה נִלְךְ:

NELEKH: YHVH BEYT LY BĒOMĒRYM

Salmos 122:2

Os nossos pés estão dentro das tuas portas, ó Jerusalém.

עַמְדוֹת הַיָּם רַגְלֵינוּ בְּשַׁעְרֶיךָ

BISHĒĀRAYKH RAGĒLEYNU HĀYU OMĒDOT

יְרוּשָׁלַיִם:

YĒRUSHĀLAİM:

Salmos 122:3

Jerusalém está edificada como uma cidade bem sólida.

יְרוּשָׁלַיִם הַבְּנוּיָה כְּעִיר שְׁחֻבְרָה

SHECHUBĒRĀH KĒYR HABĒNUYĀH YĒRUSHĀLAİM

לָהּ יִחְדּוּ:

YACHĒDĀV: LĀH

Salmos 122:4

Onde sobem as tribos, as tribos do SENHOR, como testemunho de Israel, para darem graças ao nome do SENHOR.

שְׁבִיטֵי שְׁבִטִים עָלוּ שָׁשָׁם
SHIVĒTEY SHĒVĀTYMĀLU SHESHĀM
 לְשֵׁם לְהִדּוֹת לְיִשְׂרָאֵל עֵדוּת יְהוָה
LĒSHEM LĒHODOT LĒYŠĒRĀLEDUT YĀH
 יְהוָה:
 YHVH:

Salmos 122:5

Pois ali estão os tronos do juízo, os tronos da casa de Davi.

כִּי שָׁמָּה יֹשְׁבוּ כְסֵאוֹת
KHISĒOT YĀSHĒVU SHĀMĀHKY
 לְמִשְׁפַּט כְּסֵאוֹת לְבַיִת דָּוִד:
DĀVYD: LĒVEYT KISĒOT LĒMISHĒPĀT

Salmos 122:6

Orai pela paz de Jerusalém: prosperarão aqueles que te amam.

יְשׁוּלוּ יְרוּשָׁלַיִם יְרוּשָׁלַיִם יְשׁוּלוּ
YSHĒLĀYU YĒRUSHĀLĀIM SHĒLOM SHAALU
 אֲהַבְיָךְ:
OHAVĀYKH:

Salmos 122:7

Haja paz dentro de teus muros, e *prosperidade* dentro dos teus palácios.

יְהִי שְׁלוֹם בְּחֵילֶךָ יְהִי שְׁלוֹם
SHALĒVĀH BĒCHEYLEKH SHĀLOMYĒHY
 בְּאַרְמְנוֹתֶיךָ:

BĒARĒMĒNOT ĀYKH:

Salmos 122:8

Por causa dos meus irmãos e amigos, direi: Haja paz em ti.

לְמַעַן אַחֵי וְרֵעֵי אֲדַבְרָה

ADABĒRĀH VĒREĀY ACHAY **LĒMAAN**

נָא שְׁלוֹמִים בְּךָ:

BĀKH: SHĀLOMNĀ

Salmos 122:9

Por causa da casa do SENHOR, nosso Deus, buscarei o teu bem.

לְמַעַן בֵּית יְהוָה אֱלֹהֵינוּ

ELOHEYNU YHVH BEYT **LĒMAAN**

אַבְקֶשְׁהָ טוֹב לְךָ:

LĀKH: TOV AVAQĒSHĀH**3.2 Estrutura****3.2.1 Os versos**

A divisão da língua poética em versos é seu traço específico. O metro representa a norma à qual a língua poética obedece, é o traço distintivo dos versos em relação à prosa. A função das normas métricas é facilitar a comparação, revelar traços e examiná-los para podermos avaliar os períodos do discurso com o objetivo de verificar a organização convencional que rege o sistema das ocorrências fônicas.

Os versos têm períodos de alcance fônico comparável ou mesmo igual. Uma sucessão de versos nos dá “a impressão de uma repetição organizada de séries semelhantes em sua sonoridade, a impressão de um caráter ‘rítmico’ ou ‘poético’ do discurso”. (TOMACHEVSKI, 1970, p. 142) Este sistema é indispensável para a ligação do poeta com seus ouvintes, pois ajuda a compreender o desenho rítmico que o autor imprimiu ao seu poema.

A unidade entre a significação das palavras e a música é que dá valor ao verso. Na criação poética, o metro, a rima e o ritmo surgem em uníssono com as frases, não se distinguem entre si; assim, não existe forma aqui e conteúdo ali. Isso faz com que cada palavra ou mesmo cada sílaba na poesia seja insubstituível e indispensável, o que dificulta e até impossibilita a tradução para línguas estrangeiras. Em poesias ou canções mais longas, como é o caso de muitos salmos, somente a repetição impede a poesia de desfazer-se, pois esta forma um ciclo que diminui a distância entre as partes, unificando-a.

De acordo com Monloubou, “*o verso é o fato fundamental e unanimemente reconhecido da poesia hebraica*”. Assim, verificamos que a disposição dos pés e a repetição de um ritmo permite a obtenção do efeito esperado. (MONLOUBOU, 1996, p. 29-30)

Na poesia ocidental, usamos normalmente o ritmo do som na forma regular de sílabas acentuadas ou não, em uma ou várias linhas, a que chamamos de verso, que geralmente são rimadas. Na poesia bíblica, quase não se usa a rima, e o verso é fundamental. Ele é formado por certo número de pés. O pé é unidade elementar do ritmo e é constituído por uma série de sílabas átonas antes de uma sílaba acentuada. O ritmo do som depende quase exclusivamente dessa sequência regular de sílabas. A repetição de um ritmo permite a obtenção de um efeito desejado. Monloubou (1996) explica: “Uma série de versos agrupados de 3 + 3 ou de 4 + 4 acentos se harmoniza com um balanceamento e um desenvolvimento regular do pensamento.” Este tipo de verso é o mais frequente na poesia hebraica. Já uma sequência de versos dessimétricos de 3 + 2 acentos tende a produzir a impressão de abatimento; e uma sequência 3 + 3 + 3 ou 4 + 4 + 4, ou ainda 5 + 5 acentos dão a impressão de “entusiasmo de uma multidão dançante”. (MONLOUBOU, 1996, p. 30-31)

O livro de Salmos contém ainda poemas *acrósticos* em que o conjunto da primeira letra de cada verso, ou grupo de versos, forma uma palavra em destaque.

Em alguns Salmos, uma série das letras segue uma sequência em que cada verso começa sucessivamente pelas letras do alfabeto.

No Salmo 119, os versos são reunidos de oito em oito. Os versos que compõem o grupo começam com a mesma consoante, e as séries de iniciais do grupo correspondem à ordem alfabética do hebraico.

Neste processo do acróstico, segundo Monloubou, o verso é geralmente muito livre, sua unidade bastante diluída e sugere certa totalidade de reflexão.

O autor chama a atenção para o exemplo do Salmo 1, pois nele a primeira palavra inicia com letra “*alef*” e a última com a letra “*tav*” – que são a primeira e a última letras do alfabeto hebraico, respectivamente – dando uma ideia de algo completo em que nada falta. O Salmo 112 também começa e termina com as mesmas palavras do Salmo 1. Segundo M. Manatti, esse efeito estilístico é um meio de exprimir, da primeira à última letra, o esgotamento do assunto, a totalidade. João o usa no Apocalipse 1, 8: “Eu sou o Alfa e Ômega, diz o Senhor Deus, aquele que é, que era e que há de vir, o Todo-Poderoso.”; Apocalipse 21,6: “Disse-me ainda: Tudo está feito. Eu sou o Alfa e o Ômega, o Princípio e o Fim. Eu, a quem tem sede, darei de graça da fonte da água da vida.” e Apocalipse 22,13: “Eu sou o Alfa e o Ômega, o Primeiro e o Último, o Princípio e o Fim.” Vale observar que o Novo Testamento foi escrito em grego, sendo “o Alfa e o Ômega” a primeira e a última letras desse alfabeto. (MONLOUBOU,1996, p. 31)

3.2.2 O refrão

O refrão é a repetição literal de uma frase ou fórmula. Monloubou, diz que em muitos Salmos observamos uma frase que reaparece e faz o papel de refrão. Quando esse retorno acontece depois do mesmo número de versos, ele é considerado regular. É irregular quando o número de versos que ele intercala é variável. Essa fórmula pode ser igual durante todo o Salmo e pode também variar. Assim, uma série de Salmos pode aparecer com o refrão bem definido e ser seguida por uma série de textos em que o refrão se dilui gradativamente, até que se torne uma repetição quase imperceptível.

Nos trechos a seguir, apresento alguns exemplos de repetição de refrão:

v. 6 Sinto abatida dentro de mim a minha alma; lembro-me, portanto, de ti, nas terras do Jordão, e no monte Hermom, e no outeiro de Mizar.

v.11 Por que estás abatida, ó minha alma? Por que te perturbas dentro de mim? Espera em Deus, pois ainda o louvarei, a ele, meu auxílio e Deus meu.

Salmo 43

v.5 Por que estás abatida, ó minha alma? Por que te perturbas dentro de mim? Espera em Deus, pois ainda o louvarei, a ele, meu auxílio e Deus meu.

Salmo 57

v. 6 Armaram rede aos meus passos, a minha alma está abatida; abriram cova diante de mim, mas eles mesmos caíram nela.

O Salmo 107 apresenta uma repetição mais artística, em que dois refrãos diferentes escandem quatro estrofes de cada refrão alternadamente. As cores foram usadas para facilitar a visualização.

Salmos 107

1 Rendei graças ao SENHOR, porque ele é bom, e a sua misericórdia dura para sempre.

2 Digam-no os remidos do SENHOR, os que ele resgatou da mão do inimigo

3 e congregou de entre as terras, do Oriente e do Ocidente, do Norte e do mar.

4 Andaram errantes pelo deserto, por ermos caminhos, sem achar cidade em que habitassem.

5 Famintos e sedentos, desfalecia neles a alma.

6 **Então, na sua angústia, clamaram ao SENHOR, e ele os livrou das suas tribulações.**

7 Conduziu-os pelo caminho direito, para que fossem à cidade em que habitassem.

8 **Rendam graças ao SENHOR por sua bondade e por suas maravilhas para com os filhos dos homens!**

9 Pois dessedentou a alma sequiosa e fartou de bens a alma faminta.

10 Os que se assentaram nas trevas e nas sombras da morte, presos em aflição e em ferros,

11 por se terem rebelado contra a palavra de Deus e haverem desprezado o conselho do Altíssimo,

12 de modo que lhes abateu com trabalhos o coração – caíram, e não houve quem os socorresse.

13 **Então, na sua angústia, clamaram ao SENHOR, e ele os livrou das suas tribulações.**

14 Tirou-os das trevas e das sombras da morte e lhes despedaçou as cadeias.

15 **Rendam graças ao SENHOR por sua bondade e por suas maravilhas para com os filhos dos homens!**

16 Pois arrombou as portas de bronze e quebrou as trancas de ferro.

17 Os estultos, por causa do seu caminho de transgressão e por causa das suas iniquidades, serão afligidos.

18 A sua alma aborreceu toda sorte de comida, e chegaram às portas da morte.

19 **Então, na sua angústia, clamaram ao SENHOR, e ele os livrou das suas tribulações.**

20 Enviou-lhes a sua palavra, e os sarou, e os livrou do que lhes era mortal.

21 **Rendam graças ao SENHOR por sua bondade e por suas maravilhas para com os filhos dos homens!**

22 Ofereçam sacrifícios de ações de graças e proclamem com júbilo as suas obras!
 23 Os que, tomando navios, descem aos mares, os que fazem tráfico na imensidade das águas,
 24 esses vêem as obras do SENHOR e as suas maravilhas nas profundezas do abismo.
 25 Pois ele falou e fez levantar o vento tempestuoso, que elevou as ondas do mar.
 26 Subiram até aos céus, desceram até aos abismos; no meio destas angústias, desfalecia-lhes a alma.
 27 Andaram, e cambalearam como ébrios, e perderam todo tino.
 28 **Então, na sua angústia, clamaram ao SENHOR, e ele os livrou das suas tribulações.**
 29 Fez cessar a tormenta, e as ondas se acalmaram.
 30 Então, se alegraram com a bonança; e, assim, os levou ao desejado porto.
 31 **Rendam graças ao SENHOR por sua bondade e por suas maravilhas para com os filhos dos homens!**
 32 Exaltem-no também na assembleia do povo e o glorifiquem no conselho dos anciãos.
 33 Ele converteu rios em desertos e mananciais, em terra seca;
 34 terra frutífera, em deserto salgado, por causa da maldade dos seus habitantes.
 35 Converteu o deserto em lençóis de água e a terra seca, em mananciais.
 36 Estabeleceu aí os famintos, os quais edificaram uma cidade em que habitassem.
 37 Semearam campos, e plantaram vinhas, e tiveram fartas colheitas.
 38 Ele os abençoou, de sorte que se multiplicaram muito; e o gado deles não diminuiu.
 39 Mas tornaram a reduzir-se e foram humilhados pela opressão, pela adversidade e pelo sofrimento.
 40 Lança ele o desprezo sobre os príncipes e os faz andar errantes, onde não há caminho.
 41 Mas levanta da opressão o necessitado, para um alto retiro, e lhe prospera famílias como rebanhos.
 42 Os retos veem isso e se alegram, mas o ímpio por toda parte fecha a boca.
 43 Quem é sábio atente para essas coisas e considere as misericórdias do SENHOR.

O primeiro grupo de refrãos (versículos 6, 13, 19 e 28) apresenta o grito de apelo dos aflitos. Nesses refrãos, vemos que os versos variam de acordo com cada cena, deixando clara a rejeição da monotonia. No segundo grupo (versículos 8, 15, 21, 31), cada verso se liga a um verso anterior do primeiro grupo expressando o louvor que deverão render a Deus os que receberam dele a salvação. No versículo 32, vemos novamente que o autor rompe a monotonia. Em vez de dar explicação, como ocorre nos versos paralelos, este versículo redobra o anterior.

Temos ainda muitos exemplos de refrão, como o Salmo 62, 2 e 6:

2 Só ele é a minha rocha, e a minha salvação, e o meu alto refúgio; não serei muito abalado.
 6 Só ele é a minha rocha, e a minha salvação, e o meu alto refúgio; não serei jamais abalado.

No Salmo 116, 14 e 18 ou no Salmo 136, o refrão é repetido em cada versículo, e também em muitos Salmos a noção de refrão é bastante fluída, chegando a ser o que Mouloubou chamou de “quase-refrão”. Além disso, também temos casos de refrãos idênticos ou em intervalos irregulares.

O caso do Salmo 118, 1-4. 29 é um exemplo de refrão com número de versos variável, os quais não são idênticos, mas repetem a mesma ideia ou tema, distinguindo as etapas da reflexão.

Salmos 118

1 Rendei graças ao SENHOR, porque ele é bom, porque a sua misericórdia dura para sempre.

2 Diga, pois, Israel: Sim, **a sua misericórdia dura para sempre.**

3 Diga, pois, a casa de Arão: Sim, **a sua misericórdia dura para sempre.**

4 Digam, pois, os que temem ao SENHOR: Sim, **a sua misericórdia dura para sempre.**

5 Em meio à tribulação, invoquei o SENHOR, e o SENHOR me ouviu e me deu folga.

6 O SENHOR está comigo; não temerei. Que me poderá fazer o homem?

7 O SENHOR está comigo entre os que me ajudam; por isso, verei cumprido o meu desejo nos que me odeiam.

8 Melhor é buscar refúgio no SENHOR do que confiar no homem.

9 Melhor é buscar refúgio no SENHOR do que confiar em príncipes.

10 Todas as nações me cercaram, mas em nome do SENHOR as destruí.

11 Cercaram-me, cercaram-me de todos os lados; mas em nome do SENHOR as destruí.

12 Como abelhas me cercaram, porém como fogo em espinhos foram queimadas; em nome do SENHOR as destruí.

13 Empurraram-me violentamente para me fazer cair, porém o SENHOR me amparou.

14 O SENHOR é a minha força e o meu cântico, porque ele me salvou.

15 Nas tendas dos justos há voz de júbilo e de salvação; a destra do SENHOR faz proezas.

16 A destra do SENHOR se eleva, a destra do SENHOR faz proezas.

17 Não morrerei; antes, viverei e contarei as obras do SENHOR.

18 O SENHOR me castigou severamente, mas não me entregou à morte.

19 Abri-me as portas da justiça; entrarei por elas e renderei graças ao SENHOR.

20 Esta é a porta do SENHOR; por ela entrarão os justos.

21 Render-te-ei graças porque me acudiste e foste a minha salvação.

22 A pedra que os construtores rejeitaram, essa veio a ser a principal pedra, angular;

23 isto procede do SENHOR e é maravilhoso aos nossos olhos.

24 Este é o dia que o SENHOR fez; regozijemo-nos e alegremo-nos nele.

25 Oh! Salva-nos, SENHOR, nós te pedimos; oh! SENHOR, concede-nos prosperidade!

26 Bendito o que vem em nome do SENHOR. A vós outros da Casa do SENHOR, nós vos abençoamos.

27 O SENHOR é Deus, ele é a nossa luz; adornai a festa com ramos até às pontas do altar.

28 Tu és o meu Deus, render-te-ei graças; tu és o meu Deus, quero exaltar-te.

29 **Rendei graças ao SENHOR, porque ele é bom, porque a sua misericórdia dura para sempre.**

Em muitos casos, o refrão destaca a mesma ideia ou o mesmo tema, aprofundando e destacando sua significação. Assim, exerce papel organizador, dividindo o poema em partes iguais ou destacando as diferenças, marcando as etapas da reflexão, dividindo o poema no que podemos chamar por enquanto de estrofes.

3.2.3 As estrofes

Conforme o comentador O. Eissfeldt (1956), não se pode falar de Salmos divididos em estrofes, pelo menos não da maneira como entendemos estrofe – de unidades formais e lógicas, homogêneas e simétricas.

São as edições modernas da Bíblia que dão essa impressão quando apresentam alguns Salmos divididos em *dimensões regulares*, como no caso do acróstico, por exemplo, que agrupa os versos usando as letras iniciais para dar unidade e novo sentido. (EISSFELD, 1956 *apud* MONLOUBOU, 1996, p. 34)

Vejamos o Salmo 107:

1 Rendei graças ao SENHOR, porque ele é bom, e a sua misericórdia dura para sempre.
 2 Digam-no os remidos do SENHOR, os que ele resgatou da mão do inimigo
 3 e congregou de entre as terras, do Oriente e do Ocidente, do Norte e do mar.
 4 Andaram errantes pelo deserto, por ermos caminhos, sem achar cidade em que habitassem.
 5 Famintos e sedentos, desfalecia neles a alma.
 6 Então, na sua angústia, clamaram ao SENHOR, e ele os livrou das suas tribulações.
 7 Conduziu-os pelo caminho direito, para que fossem à cidade em que habitassem.
 8 Rendam graças ao SENHOR por sua bondade e por suas maravilhas para com os filhos dos homens!
 9 Pois dessedentou a alma sequiosa e fartou de bens a alma faminta.
 10 Os que se assentaram nas trevas e nas sombras da morte, presos em aflição e em ferros,
 11 por se terem rebelado contra a palavra de Deus e haverem desprezado o conselho do Altíssimo,
 12 de modo que lhes abateu com trabalhos o coração – caíram, e não houve quem os socorresse.
 13 Então, na sua angústia, clamaram ao SENHOR, e ele os livrou das suas tribulações.

14 Tirou-os das trevas e das sombras da morte e lhes despedaçou as cadeias.
15 Rendam graças ao SENHOR por sua bondade e por suas maravilhas para com os filhos dos homens!
16 Pois arrombou as portas de bronze e quebrou as trancas de ferro.
17 Os estultos, por causa do seu caminho de transgressão e por causa das suas iniquidades, serão afligidos.
18 A sua alma aborreceu toda sorte de comida, e chegaram às portas da morte.
19 Então, na sua angústia, clamaram ao SENHOR, e ele os livrou das suas tribulações.
20 Enviou-lhes a sua palavra, e os sarou, e os livrou do que lhes era mortal.
21 Rendam graças ao SENHOR por sua bondade e por suas maravilhas para com os filhos dos homens!
22 Ofereçam sacrifícios de ações de graças e proclamem com júbilo as suas obras!
23 Os que, tomando navios, descem aos mares, os que fazem tráfico na imensidade das águas,
24 esses veem as obras do SENHOR e as suas maravilhas nas profundezas do abismo.
25 Pois ele falou e fez levantar o vento tempestuoso, que elevou as ondas do mar.
26 Subiram até aos céus, desceram até aos abismos; no meio destas angústias, desfalecia-lhes a alma.
27 Andaram, e cambalearam como ébrios, e perderam todo tino.
28 Então, na sua angústia, clamaram ao SENHOR, e ele os livrou das suas tribulações.
29 Fez cessar a tormenta, e as ondas se acalmaram.
30 Então, se alegraram com a bonança; e, assim, os levou ao desejado porto.
31 Rendam graças ao SENHOR por sua bondade e por suas maravilhas para com os filhos dos homens!
32 Exaltem-no também na assembleia do povo e o glorifiquem no conselho dos anciãos.
33 Ele converteu rios em desertos e mananciais, em terra seca;
34 terra frutífera, em deserto salgado, por causa da maldade dos seus habitantes.
35 Converteu o deserto em lençóis de água e a terra seca, em mananciais.
36 Estabeleceu aí os famintos, os quais edificaram uma cidade em que habitassem.
37 Semearam campos, e plantaram vinhas, e tiveram fartas colheitas.
38 Ele os abençoou, de sorte que se multiplicaram muito; e o gado deles não diminuiu.
39 Mas tornaram a reduzir-se e foram humilhados pela opressão, pela adversidade e pelo sofrimento.
40 Lança ele o desprezo sobre os príncipes e os faz andar errantes, onde não há caminho.
41 Mas levanta da opressão o necessitado, para um alto retiro, e lhe prospera famílias como rebanhos.
42 Os retos veem isso e se alegram, mas o ímpio por toda parte fecha a boca.
43 Quem é sábio atente para essas coisas e considere as misericórdias do SENHOR.

Este Salmo faz uma revisão dos atos de misericórdia de Deus para com o seu povo, começando com a fórmula usada em outros poemas: “Rendei graças ao SENHOR, porque ele é bom, e a sua misericórdia dura para sempre.” (em outras

versões, “o amor” e “a misericórdia”). No verso 8, temos uma variação do tipo refrão que se repete nos versos 15, 21 e 31. E no último verso, o autor convida à celebração das generosidades de Deus. Segundo análise de Alter, com este encerramento o poeta evita a “regularidade de um refrão conclusivo explícito” (ALTER, 1997, p. 276), mantendo a ideia inicial do poema, a bondade e a misericórdia, que ao final é usada no plural. Isso pode ser uma indicação conclusiva de todos os diferentes atos de misericórdia do Senhor que o poema apresentou.

Este Salmo aponta a subdivisão dos poemas em estrofes, dando uma pista para a percepção de significados não tão explícitos em sequências de aparente incoerência. Porém, não existe uma convenção fixa na literatura bíblica. O que existe é um meio reconhecido de organizar o material na prosa e na poesia, mas não podemos fixar um padrão e classificar as estruturas. Como leitores, podemos apenas observar as variações na moldagem dos significados dos Salmos.

No entanto, alguns poemas, como é o caso dos Salmos 42 e 43 e também o 107, que já apresentamos, são formados por grupos de versos que não têm simetria perfeita, mas apresentam semelhanças muito claras, sendo inevitável pensarmos em estrofe.

Para Monloubou, ainda que poemas como os mencionados anteriormente apresentem algumas semelhanças, os salmistas provavelmente usaram a arte de escrever mais para dar clareza e significação aos seus discursos e marcar as pausas para leitores, músicos e dançarinos do que para compor poemas de formas geométricas eruditas. Ou seja, na maioria dos textos os salmistas agruparam os versos com tal liberdade que a grande maioria das unidades formadas não pode ser vista com “estrofes”; apenas um pequeno número aparece organizado de forma regular.

3.2.4 *A repetição*

A repetição é um processo estilístico que faz penetrar profundamente na significação dos textos. A repetição pode indicar como foram organizados os Salmos. No entanto, talvez o mais importante seja a função de indicar temas maiores desenvolvidos pelo Salmo, ou dos sentimentos do salmista.

- 1 **SENHOR**, como tem crescido o **número** dos meus adversários! São **numerosos** os que se levantam contra mim.
 2 São muitos os que dizem de mim: Não há em **Deus** salvação para ele.
 3 Porém tu, **SENHOR**, és o meu escudo, és a minha glória e o que exaltas a minha cabeça.
 4 Com a minha voz clamo ao **SENHOR**, e ele do seu santo monte me responde.
 5 Deito-me e pego no sono; acordo, porque o **SENHOR** me sustenta.
 6 Não tenho medo de milhares do povo que tomam posição contra mim de todos os lados.
 7 Levanta-te, **SENHOR**! Salva-me, **Deus** meu, pois feres nos queixos a todos os meus inimigos e aos ímpios quebras os dentes.
 8 Do **SENHOR** é a salvação, e sobre o teu povo, a tua bênção.

A repetição da palavra “numerosos” e da ideia de “numerosos” dá a dimensão do medo que o salmista sente, mas a repetição do nome divino, geralmente ligado à salvação, o tranquiliza.

Monloubou destaca nos originais do Salmo 10, 8-10 o modo artístico com que o texto foi conduzido, a impressão muito forte de movimento que a repetição cria. Na tradução, ficamos com a repetição de ideias:

- 8 **Põe-se de tocaia** nas vilas, trucidada os inocentes nos lugares ocultos; seus olhos espreitam o desamparado.
 9 **Está ele de emboscada**, como o leão na sua caverna; **está de emboscada** para enlaçar o pobre: apanha-o e, na sua rede, o enleia.
 10 Abaixa-se, rasteja; em seu poder, lhe caem os necessitados.

No mesmo capítulo, vemos que a repetição do sarcasmo dos adversários torna a oração do fiel mais audaciosa.

- 4 O perverso, na sua soberba, não investiga; que não há Deus são todas as suas cogitações.
 6 Pois diz lá no seu íntimo: Jamais serei abalado; de geração em geração, nenhum mal me sobrevirá.
 11 Diz ele, no seu íntimo: Deus se esqueceu, virou o rosto e não verá isto nunca.
 13 Por que razão despreza o ímpio a Deus, dizendo no seu íntimo que Deus não se importa?

Monloubou explica:

Como tapeçarias, os textos sálmicos são tecidos de entrelaçamentos de temas cujo aparecimento, desaparecimento e retorno desenham figuras estilísticas que são um elemento privilegiado de sua beleza. (MONLOUBOU, 1996, p. 37)

3.2.5 A inclusão

Para Alter (1997, p. 275), “em qualquer outra parte do corpus bíblico os limites dos poemas são frequentemente ambíguos”. Estudiosos defendem que a divisão tradicional de capítulos nos livros de Provérbios, nos Proféticos ou no Cântico dos Cânticos é, na verdade, a soma de dois ou três poemas, ou a colagem de fragmentos de poemas. Porém, em Salmos ocorrem com muita frequência indicadores nítidos de começos e fins. Eles indicam de maneira segura, portanto, que a divisão em capítulos revela poemas individuais. Uma vez que muitos dos Salmos foram elaborados para uso público, é evidente que os poetas salmistas preferiram formas simétricas em que o texto poético é “arredondado ou atado por um enfático equilíbrio do início ao fim” (ALTER, 1997, p.275). Esta é a preferência em muitos gêneros bíblicos em que termos significativos introduzidos no início do poema são trazidos com grande força ao final do texto.

Esse padrão estrutural nos poemas é uma convenção explícita da literatura bíblica, que reaparece em muitos Salmos diferentes, com variações criadas de acordo com o impulso do poeta para se adequar ao assunto em questão no poema individual. Esse meio de organizar a poesia e a prosa pode ser usado com efeito enfático em um Salmo. Porém, temos outras estruturas que contrastam com o padrão, e parecem ter sido elaboradas especificamente para um determinado poema em vez de aplicadas como a convenção.

A inclusão é um desses tipos de refrão de gênero particular que contrastam com o convencional. Consiste na retomada de algumas palavras que dão uma fórmula completa ou de uma frase que inicia o texto e é retomada de uma só vez ao final do poema, provavelmente para dar unidade semântica ao texto, já que ainda não existia pontuação, margens e parágrafos. A unidade semântica era assegurada pelo emprego das mesmas palavras no início e no fim. Lembra o uso litúrgico da antífona, pois o texto é enquadrado, “incluído” pelo refrão, recitado ou cantado no início e no fim do poema.

Veja o Salmo 118 - 1, 4 e 29:

1 Rendei graças ao SENHOR, porque ele é bom, porque a sua misericórdia dura para sempre.

4 Digam, pois, os que temem ao SENHOR: Sim, a sua misericórdia dura para sempre.

29 Rendei graças ao SENHOR, porque ele é bom, porque a sua misericórdia dura para sempre.

Neste caso, a inclusão consiste em uma fórmula completa. Mas há outros casos em que os autores enquadravam seus poemas com a simples repetição de uma, duas ou três palavras. Já no Salmo 8, uma frase é usada como refrão no início e no fim do Salmo:

1 Ó SENHOR, Senhor nosso, quão magnífico em toda a terra é o teu nome!
 Pois expuseste nos céus a tua majestade.
 2 Da boca de pequeninos e crianças de peito suscitaste força, por causa
 dos teus adversários, para fazeres emudecer o inimigo e o vingador.
 3 Quando contemplo os teus céus, obra dos teus dedos, e a lua e as
 estrelas que estabeleceste,
 4 que é o homem, que dele te lembres E o filho do homem, que o visites?
 5 Fizeste-o, no entanto, por um pouco, menor do que Deus e de glória e de
 honra o coroaste.
 6 Deste-lhe domínio sobre as obras da tua mão e sob seus pés tudo lhe
 puseste:
 7 ovelhas e bois, todos, e também os animais do campo;
 8 as aves do céu, e os peixes do mar, e tudo o que percorre as sendas dos
 mares.
 9 Ó SENHOR, Senhor nosso, quão magnífico em toda a terra é o teu nome!

Observando este poema, notamos que o autor faz uma descrição da criação, passando pela criação do céu e colocando o homem no ponto central entre a terra e o mar, e conclui o poema com a repetição da linha de abertura.

Cito ainda outros exemplos, como os Salmos 103 e 104, que são enquadrados pelo mesmo refrão: “Bendize, ó minha alma ao Senhor” e o Salmo 118, 1-4.29, onde vemos outro exemplo de inclusão que se dá através da repetição de duas ou três palavras, ou até mesmo de uma só. O processo de inclusão chama a atenção do leitor para temas importantes dos Salmos.

3.2.6 O paralelismo

A poesia hebraica e a poesia ocidental moderna são bastante diferentes. Uma das diferenças que se pode perceber é que a poesia hebraica quase não usa a rima de palavras, usa muito mais a repetição e a recapitulação. O pouco uso do efeito é compensado na poesia hebraica pelo que F.F. Bruce (1997) chama de “ritmo de pensamento ou de sentido” – o paralelismo –, que consiste em repetir a mesma ideia em dois versos sucessivos, usando, porém, uma forma diferente em cada verso.

O paralelismo é um importante caso de repetição que estabelece a unidade do verso bíblico e lhe confere ritmo. Compreende duas maneiras de afirmar os sentidos e significados, uma delas usando o conteúdo e outra usando a forma. Esse

reforço de ideias não é meramente tautológico, segundo o editor de *O Novo Comentário Bíblico* (2010), é um “maneirismo gracioso do poeta”, em que se usa o segundo verso para reforçar ou aprofundar a ideia do primeiro.

Segundo Northrop Frye (2004), o ritmo dá a “sensação de um diálogo iniciado por Deus, que o leitor completa simplesmente pela repetição” (FRYE, 2004, p. 247):

Salmo 91, 1-6

1 O que habita no esconderijo do Altíssimo e descansa à sombra do Onipotente

2 diz ao SENHOR: Meu refúgio e meu baluarte, Deus meu, em quem confio.

3 Pois ele te livrará do laço do passarinho e da peste perniciososa.

4 Cobrir-te-á com as suas penas, e, sob suas asas, estarás seguro; a sua verdade é pavês e escudo.

5 Não te assustarás do terror noturno, nem da seta que voa de dia,

6 nem da peste que se propaga nas trevas, nem da mortandade que assola ao meio-dia.

Chamamos de *paralelismo sinonímico* quando o segundo membro propõe um significado muito próximo ao do primeiro, acrescentando apenas uma nova nuance.

Por exemplo:

Salmo 1.2

2 Antes, tem o seu prazer na lei do Senhor,

E na sua lei medita de dia e de noite

e

Salmo 27, 1

1 O SENHOR é a minha luz e a minha salvação; **de quem terei medo?** O SENHOR é a fortaleza da minha vida; **a quem temerei?**

Em alguns casos, o segundo membro se torna muito importante, chegando a trazer uma ideia verdadeiramente nova. A estes casos chamamos de *paralelismo sintético*, pois tal semelhança está mais ligada à forma do que ao conteúdo.

Por exemplo:

Salmo 1.1

1 Bem-aventurado o homem

que não anda no conselho dos ímpios,

não se detém no caminho dos pecadores,

nem se assenta na roda dos escarnecedores.

Salmo 35, 1-6

1 **Contende**, SENHOR, com os que contendem comigo; **peleja** contra os que contra mim pelejam.

2 Embrança o escudo e o broquel e ergue-te em meu auxílio.

3 Empunha a lança e reprime o passo aos meus perseguidores; dize à minha alma: Eu sou a tua salvação.
 4 Sejam confundidos e **cobertos de vexame** os que buscam tirar-me a vida; retrocedam e sejam **envergonhados** os que tramam contra mim.
 5 Sejam como a palha ao léu do vento, impelindo-os o anjo do SENHOR.
 6 Torne-se-lhes o caminho tenebroso e escorregadio, e o anjo do SENHOR os persiga.

No caso do *paralelismo sintético*, chamamos de clímax quando o segundo membro apenas “repete e precisa o primeiro”, acrescentando-lhe uma palavra ou uma indicação que torne a ideia mais forte.

Salmo 26.2

Examina-me, SENHOR, e **prova-me**; **sonda-me** o coração e os pensamentos.

Salmo 18

5 **Cadeias** infernais me **cingiram**, e **tramas** de morte me **surpreenderam**.
 6 Na minha angústia, **invoquei** o SENHOR, **gritei** por socorro ao meu Deus. Ele do seu templo ouviu a minha **voz**, e o meu **clamor** lhe penetrou os ouvidos.
 7 Então, a terra se **abalou** e **tremeu**, **vacilaram** também os fundamentos dos montes e se **estremeceram**, porque ele se indignou.
 8 Das suas narinas subiu **fumaça**, e **fogo** devorador, da sua boca; dele saíram **brasas** ardentes.
 9 **Baixou** ele os céus, e **desceu**, e teve sob os pés densa escuridão.
 10 Cavalgava um querubim e **voou**; sim, **levado velozmente nas asas do vento**.

Temos ainda o *paralelismo antitético*, que ocorre quando o segundo membro reforça o pensamento do primeiro com uma ideia contrária. Por exemplo:

Salmo 1.6

6 Pois o SENHOR conhece o caminho dos justos,
 mas o caminho dos ímpios perecerá.

Salmo 18

27 Porque tu salvas o **povo humilde**, mas os **olhos ativos**, tu os abates.
 28 Porque fazes **resplandecer a minha lâmpada**; o SENHOR, meu Deus, **derrama luz nas minhas trevas**.

Este tipo de paralelismo ocorre também no exemplo do Salmo 27, versículo 3:

3 Ainda que um exército se acampe contra mim, **não se atemorizará** o meu coração; e, se estourar contra mim a guerra, ainda assim **tereí confiança**.

E temos o *quiasmo*, que é quando os elementos do segundo membro são colocados na ordem inversa da do primeiro, dando um belo destaque aos elementos:

Salmo 25. 3

3 Com efeito, dos que em ti esperam, ninguém será envergonhado;
envergonhados serão os que, sem causa, procedem traiçoeiramente.

Achei interessante a observação de Frye (2004, p. 248) de que “este ritmo antitético do verso hebraico permanece no Novo Testamento, que não é em verso, nem em hebraico”, pois isso aponta para a unidade do texto bíblico:

Mateus 7

9 Ou qual dentre vós é o homem que, se porventura o filho lhe pedir pão,
lhe dará pedra?

10 Ou, se lhe pedir um peixe, lhe dará uma cobra?

I Coríntios 12

17 Se todo o corpo fosse olho, onde estaria o ouvido? Se todo fosse ouvido,
onde, o olfato?

Podemos observar o paralelismo ainda em poemas com o mesmo tema e realidades diferentes. Eles podem ressaltar as semelhanças ou destacar as diferenças que o salmista vê entre Deus e os homens.

Temos ainda o *paralelismo climático*. Neste tipo, o primeiro membro da parêntese de versos está incompleto, e o segundo repete em parte o primeiro membro para depois concluir o pensamento:

Salmo 96.7

7 Tributai ao SENHOR, ó famílias dos povos,
tributai ao SENHOR glória e força.

Por último, temos o *paralelismo emblemático*. Neste, o primeiro verso apresenta uma figura de linguagem e os seguintes explicam a figura. No exemplo a seguir, vemos a explicação do sentido da expressão *como a árvore*:

Salmo 1.3

3 Ele é como árvore

plantada junto a corrente de águas,
que, no devido tempo, dá o seu fruto,
e cuja folhagem não murcha;

e tudo quanto ele faz será bem sucedido.

No emprego do paralelismo, os salmistas aceitam grande variedade de modelos e muitas irregularidades, mostrando bastante liberdade.

A identificação dos diversos elementos estilísticos usados pelos salmistas faz descobrir poemas organizados, estruturados; elementos estilísticos são

sinais dessa organização interna. (TRUBLET; ALETTI *apud* MONLOUBOU, 1996, P. 38)

Podemos verificar, estudando os processos literários, especialmente se eles se somam, que eles apontam para algo mais amplo: o sentido do texto.

3.2.7 A linguagem simbólica

A linguagem simbólica nos Salmos seduz rapidamente o leitor e é um elemento de grande importância na poesia do saltério. Ao usar palavras do dia a dia, o autor é capaz de sugerir bem mais do que o cotidiano. Para Monloubou (1996, p.41), a sedução da linguagem dos Salmos é feita de “alternância, irregular e sempre inesperada, da fórmula realista, que diz claramente a realidade”, como no Salmo 3, versículos 2 e 4: “SENHOR, como tem crescido o número dos meus adversários! São numerosos os que se levantam contra mim.”, e da linguagem figurada que sugere algo além dessa realidade: “Porém tu, SENHOR, és o meu escudo, és a minha glória e o que exaltas a minha cabeça.”

A linguagem simbólica de Salmos é nitidamente simples, mas não ingênua. Não se trata de “exteriorização puramente espontânea de sentimentos” (ALTER, 1997, p. 273). Segundo Alter, muitos Salmos demonstram complexidade em sua elaboração retórica e estrutural. A aparente simplicidade dos Salmos consiste na habilidade de poetas que recorrem à linguagem arquetípica, abusam do uso de fórmulas e do poder das repetições e, quando necessário, da substituição da figura metafórica pela afirmação franca e literal. O Salmo 121 demonstra estas características:

- 1 Elevo os olhos para os montes: de onde me virá o socorro?
- 2 O meu socorro vem do SENHOR, que fez o céu e a terra.
- 3 Ele não permitirá que os teus pés vacilem; não dormitará aquele que te guarda.
- 4 É certo que não dormita, nem dorme o guarda de Israel.
- 5 O SENHOR é quem te guarda; o SENHOR é a tua sombra à tua direita.
- 6 De dia não te molestará o sol, nem de noite, a lua.
- 7 O SENHOR te guardará de todo mal; guardará a tua alma.
- 8 O SENHOR guardará a tua saída e a tua entrada, desde agora e para sempre.

A linguagem é deliberadamente limitada neste Salmo, com uso de repetições e associação de termos tipicamente bíblicos e onde o recitador ergue os olhos para

os montes e depois para os céus, para a terra e seu criador. Os termos “guarda” e “guardar” reaparecem seis vezes em oito linhas, remetendo o leitor para a significação do poema de que o Senhor é um guarda ou vigia que nunca dorme, que tem sempre seus olhos abertos para proteger. A metáfora é impedida de intervir nesse texto. Talvez porque o poeta quis nos levar ao sentido de que esta proteção não é metafórica, mas literal. Aparece apenas no versículo 5, mas a expressão é literalizada nos versos seguintes.

A versatilidade de uma única palavra pode dar a chave de todo um sistema de pensamento.

Frye afirma que podemos dizer a respeito de outros livros que há uma referência de significado externo, que estabelece um contexto para qualquer verdade descritiva que ele possa ter, ou que não há tal referência. Não havendo essa referência, estamos diante de uma peça literária, onde o critério de literatura emerge inteiramente da consistência verbal interna. Ao lidarmos com a literatura, falamos que a sua relação com eventos reais é imaginária. Contudo, a Bíblia não cabe nesta antítese: ela não é literária, nem não literária. Ela é literária tanto quanto possa sê-lo sem sê-lo de fato.

O significado literal da Bíblia é seu significado poético, primeiro por tautologia, no contexto que todo significado literal é centrípeto e poético; segundo, num sentido muito específico de nos confrontar com formas explicitamente metafóricas e outras de dicção marcadamente poética. (FRYE, 2004, p. 89)

Ainda sobre isso, o autor afirma:

O idioma linguístico da Bíblia não é metafórico como a poesia, embora seja pleno de metáforas, e ele é tão poético quanto possa sem ser uma peça literária. Não usa a linguagem transcendental da abstração ou da analogia, e seu uso da linguagem descritiva é ocasional ao longo de todo o conjunto. (FRYE, 2004, p. 55)

Defende ainda que, se lemos a Bíblia sequencialmente, ela se torna um mito: primeiro porque todos os mitos são narrativas; segundo, encontramos na Bíblia o tipo de matéria significativa que encontramos em todas as mitologias, como a história da criação, do legendário, listas de leis, rituais e das explicações de suas origens, e assim por diante. Podemos enxergar a Bíblia como uma única metáfora gigantesca e complexa, pois todas as estruturas verbais são metafóricas por

justaposição e por conter uma estrutura de imagens significativamente reiteradas. Assim, defende que a narrativa bíblica se aproxima da narrativa poética de caráter universal.

Durand (*apud* MONLOUBOU, 1996, p. 41) afirma que há uma vasta pesquisa sobre como os símbolos afetam a nossa psique: “É no domínio psicológico que se descobrem os grandes eixos de uma classificação satisfatória dos símbolos”. Ele dividiu o assunto em três grandes eixos, que são os gestos elementares do corpo, porque “existe estreita concomitância entre eles e as representações simbólicas”.

Os salmistas remetem a três atitudes do homem que correspondem às distinções de Durand: o homem em pé, o homem sentado e o homem caminhando.

Salmo 1

1 Bem-aventurado o homem que não **anda** no conselho dos ímpios, não **se detém no caminho** dos pecadores, nem **se assenta** na roda dos escarnecedores.

Salmo 26

1 Faze-me justiça, SENHOR, pois tenho **andado** na minha integridade e confio no SENHOR, sem vacilar.

4 Não me tenho **assentado** com homens falsos e com os dissimuladores não me associo.

12 O **meu pé está firme** em terreno plano; nas congregações, bendirei o SENHOR.

Algumas palavras que o autor associa ao homem de pé são montanha, pássaro, luz, o rei, o pai, o combate, purificação, julgamento, fogo, sopro; ao homem sentado associa a ideia de unidade, de “sentar-se para estar com” e aponta essa noção nas palavras casa, santuário, cidade, o rosto, o ninho, a caverna, a esposa-mãe, a taça, o alimento; o tema de caminhar indica a direção, a orientação para um fim, e se expressa pelos verbos ir, subir, aproximar-se, levantar os olhos para, levantar a mão para, voltar o rosto para, aplicar o ouvido. Esse tema se junta ao da evolução, do progresso – o tornar-se, o amadurecimento, o crescimento – e se exprime na imagem do filho e da árvore.

As imagens sálmicas exercem grande força sugestiva sobre o leitor, indo ao encontro das aspirações mais profundas do homem, colocando a mensagem do Salmo ao seu alcance, fazendo com que o leitor se sinta em unidade com ela.

Dessa forma, o homem compreende as realidades que não se podem exprimir com palavras e encontra na mensagem o ardor, suas próprias lutas individuais e o incentivo de que precisa para avançar em sua busca por um lugar melhor no futuro.

O Salmo 122 nos dá um exemplo dessas três imagens simbólicas, iniciando pela caminhada até o lugar santo, onde as tribos estão em unidade, representando o homem sentado com o seu povo. A seguir vem a oração, que expressa o desejo para um objetivo a ser alcançado, para o qual se faz necessário continuar caminhando. Observe-se:

- 1 Alegrei-me quando me disseram: Vamos à Casa do SENHOR.
- 2 Pararam os nossos pés junto às tuas portas, ó Jerusalém!
- 3 Jerusalém, que estás construída como cidade compacta,
- 4 para onde sobem as tribos, as tribos do SENHOR, como convém a Israel, para renderem graças ao nome do SENHOR.
- 5 Lá estão os tronos de justiça, os tronos da casa de Davi.
- 6 Orai pela paz de Jerusalém! Sejam prósperos os que te amam.
- 7 Reine paz dentro de teus muros e prosperidade nos teus palácios.
- 8 Por amor dos meus irmãos e amigos, eu peço: haja paz em ti!
- 9 Por amor da Casa do SENHOR, nosso Deus, buscarei o teu bem.

Monloubou afirma:

Um Salmo é uma peça simbólica “estruturada”, como é simbolicamente estruturado o discurso dessa peça poética sobre Deus. Não há verdadeiro conhecimento do saltério sem estudo estrutural de sua simbólica. (Monloubou, 1996, p. 43)

3.3 Temas

Um dos temas mais recorrentes nos Salmos é o da morte e renascimento, que aparece comumente nos Salmos de súplicas e ação de graças, o que pode explicar a fluidez nesses gêneros aparentemente opostos. Esses poemas têm um repertório comum de imagens: os portões do xeol (o mundo inferior), as trevas do poço povoado por sombras, um cenário marinho como os vagalhões avassaladores do mar, doenças e outros tipos de perigos, aflição espiritual, temas apresentados como uma descida ao mundo inferior de onde se implora que o Senhor traga a pessoa de volta.

A eficácia desse enredo com vestígios mitológicos está em que ele pode falar poderosamente para muitas situações diferentes, na época do salmista e desde então – para os que acreditam em ressurreição, para os que sentem a arrepiante ameaça de extinção literal aqui e agora, para aqueles que sofreram um ou outro tipo de agonia interior. (ALTER, 1997, p. 279)

No Salmo 88, vemos que a linguagem do autor demonstra que ele tem clareza de estar usando uma metáfora; contudo, seu relato de descida à morte é forte como uma verdade vivida:

1 Ó SENHOR, Deus da minha salvação, dia e noite clamo diante de ti.
 2 Chegue à tua presença a minha oração, inclina os ouvidos ao meu clamor.
 3 Pois a minha alma está farta de males, e a minha vida já se abeira da morte.
 4 Sou contado com os que baixam à cova; sou como um homem sem força,
 5 atirado entre os mortos; como os feridos de morte que jazem na sepultura, dos quais já não te lembras; são desamparados de tuas mãos.
 6 Pusete-me na mais profunda cova, nos lugares tenebrosos, nos abismos.
 7 Sobre mim pesa a tua ira; tu me abates com todas as tuas ondas.
 8 Apartaste de mim os meus conhecidos e me fizeste objeto de abominação para com eles; estou preso e não vejo como sair.
 9 Os meus olhos desfalecem de aflição; dia após dia, venho clamando a ti, SENHOR, e te levanto as minhas mãos.
 10 Mostrarás tu prodígios aos mortos ou os finados se levantarão para te louvar?
 11 Será referida a tua bondade na sepultura? A tua fidelidade, nos abismos?
 12 Acaso, nas trevas se manifestam as tuas maravilhas? E a tua justiça, na terra do esquecimento?
 13 Mas eu, SENHOR, clamo a ti por socorro, e antemanhã já se antecipa diante de ti a minha oração.
 14 Por que rejeitas, SENHOR, a minha alma e ocultas de mim o rosto?
 15 Ando aflito e prestes a expirar desde moço; sob o peso dos teus terrores, estou desorientado.
 16 Por sobre mim passaram as tuas iras, os teus terrores deram cabo de mim.
 17 Eles me rodeiam como água, de contínuo; a um tempo me circundam.
 18 Para longe de mim afastaste amigo e companheiro; os meus conhecidos são trevas.

Desse modo, sejam quais forem os temas de que tratam os Salmos, eles fazem parte de uma esfera de reações entre Deus e o homem. Assim, anseio, dependência, desespero, exultação tornam-se elementos de uma série de notáveis poemas de amor que atravessam todos os gêneros salmódicos e são dirigidos pelo homem a Deus. O homem alcança nesses poemas a contemplação do seu interior e de suas próprias emoções. E, como para o leitor da época era nova a ideia monoteísta de um Deus que está em toda a parte (Deus onipresente), ela é assimilada rapidamente. Veja no exemplo do Salmo 139:

8 Se subo aos céus, lá estás; se faço a minha cama no mais profundo abismo, lá estás também;
 9 se tomo as asas da alvorada e me detenho nos confins dos mares,
 10 ainda lá me haverá de guiar a tua mão, e a tua destra me susterá.

Um dos maiores terrores dos salmistas era o afastamento da presença de Deus, ou ocultamento da face divina. Por isso, as súplicas nos poemas são feitas com urgência e desespero: “A ti levanto as mãos; a minha alma anseia por ti, como terra sedenta.” (143.6)

Outro dos temas mais presentes nos diversos gêneros dos Salmos é a própria linguagem. Segundo Alter (1997), “parece haver o desenvolvimento de um dispositivo de organização formal para a investigação autoconsciente de um tema”, pois muitos Salmos terminam com a intenção declarada de exaltar, louvar e agradecer a Deus, e muitas súplicas começam e terminam implorando a Deus para ouvir o pedido, dar atenção e ajuda. Porém, muitas vezes os poetas ultrapassam essas fórmulas fazendo refletir sobre os usos e o poder do veículo de linguagem usada. A súplica, por exemplo, faz refletir sobre a eficácia da fala do homem a Deus e a possibilidade de uma resposta de Deus ao homem, as tensões entre fala e silêncio, as diferentes funções da linguagem do clamor em situações de aflição e ainda da linguagem que explora a condição do homem como criatura. O Salmo 30 nos dá um exemplo impressionante de todas essas preocupações e faz a justaposição dos dois tipos de discurso, súplica e louvor:

- 1 Eu te exaltarei, ó SENHOR, porque tu me livraste e não permitiste que os meus inimigos se regozijassem contra mim.
- 2 SENHOR, meu Deus, clamei a ti por socorro, e tu me saraste.
- 3 SENHOR, da cova fizeste subir a minha alma; preservaste-me a vida para que não descesse à sepultura.
- 4 Salmodiai ao SENHOR, vós que sois seus santos, e dai graças ao seu santo nome.
- 5 Porque não passa de um momento a sua ira; o seu favor dura a vida inteira. Ao anoitecer, pode vir o choro, mas a alegria vem pela manhã.
- 6 Quanto a mim, dizia eu na minha prosperidade: jamais serei abalado.
- 7 Tu, SENHOR, por teu favor fizeste permanecer forte a minha montanha; apenas voltaste o rosto, fiquei logo conturbado.
- 8 Por ti, SENHOR, clamei, ao Senhor implorei.
- 9 Que proveito obterás no meu sangue, quando baixo à cova? Louvar-te-á, porventura, o pó? Declarará ele a tua verdade?
- 10 Ouve, SENHOR, e tem compaixão de mim; sê tu, SENHOR, o meu auxílio.
- 11 Converteste o meu pranto em folguedos; tiraste o meu pano de saco e me cingiste de alegria,
- 12 para que o meu espírito te cante louvores e não se cale. SENHOR, Deus meu, graças te darei para sempre.

Este Salmo evidencia a eficácia da súplica (pois “clamou” ao Senhor e foi socorrido) e a necessidade do louvor. Outro tema comum é o de que os mortos não

podem louvar a Deus; este é um dos argumentos que o suplicante usa para que Deus o resgate do mundo inferior.

Os poetas que usaram o tema da sabedoria têm bastante consciência do caráter contraditório da linguagem, pois a linguagem pode ser usada para expressar sentimentos verdadeiros de súplica, para nomear a verdade através dos Salmos de ação de graças e também pode ser usada como instrumento traiçoeiro de logro. Desse modo, vemos a linguagem como arma – uma seta aguda ou brasa viva – e como símbolo de perfeição e pureza: “prata refinada em cadinho de barro, depurada sete vezes” (no Salmo 120).

Essa preocupação do salmista com a linguagem reflete o tipo de poesia reunida no Livro dos Salmos em que essa visão de “discurso puro” sugere um esforço feito para que a poesia seja uma expressão adequada e autêntica dos lábios do homem ao ouvido de Deus. Por isso, temos a forte sensação de franqueza e de sentimentos sem adornos nesses poemas. Se quisermos avaliar a grandeza dos poemas, segundo Alter, devemos ter em mente que o poeta está consciente de que a linguagem é seu instrumento e ele a usa explicitamente no texto com astúcia de artista, dando significação às suas palavras.

Os diversos Salmos são finamente elaborados com os elementos mais perspicazes do artifício poético, dispondo e reelaborando sutil e conscientemente um conjunto específico de convenções literárias; e apesar de seu tradicionalismo estilístico e alcance arquetípico, conseguem com frequência transmitir a ilusão persuasiva de uma simplicidade perfeita além dos cálculos e expedientes da arte. (ALTER, 1997, p. 281)

3.4 Gêneros literários

Considerados chave para a compreensão dos Salmos, os gêneros literários são indispensáveis para se penetrar no pensamento dos salmistas, pois são uma forma de expressão adequada ao conteúdo que o autor deseja exprimir (MONLOUBOU, 1996).

Não se pode compreender a forma se não através do conteúdo, como não se pode compreender o pensamento do salmista senão através do seu modo de expressão.

Monloubou explica que em Salmos o gênero não é fixo. Eles têm traços formulares comuns, mas os salmistas costumam remodelar o gênero, tornando o texto mais rico. Um dos mais importantes estudos técnicos das formas literárias dos

Salmos e de seu meio de origem foi feito por Hermann Gunkel (1862-1932). Porém, outros autores que escreveram sobre esse tema não são unânimes na classificação dos gêneros. A classificação dos gêneros se mistura com as temáticas e pode-se dividi-los em diversas subcategorias, e ainda em um número de gêneros menores e tipos mistos, o que coloca alguns Salmos em mais de uma categoria.

Schökel os listou da seguinte maneira:

1. Hino, do qual são especificações
2. Canto de entronização ou realeza de Yavé
3. Canto de/para Saião
4. Ação de graças
5. Súplica nacional
6. Súplica individual
 - a) de perseguido
 - b) de enfermo
 - c) de inocente acusado
7. De confiança
8. Salmos Reais
9. Liturgias
10. Penitenciais
 - a) de acusação
 - b) de confissão
11. Sapienciais

Abaixo descrevo alguns desses gêneros:

Os Hinos

São cânticos de louvor a Deus. Exaltam seus atributos, suas ações na criação e seu trabalho na história humana, especialmente de Israel. Os hinos eram cantados como parte da adoração no templo e em ocasiões como festas sagradas; alguns parecem ter sido compostos para serem cantados por um coral e outros por cantores individuais.

São exemplos os Salmos 8; 19; 29; 33; 65; 68; 96; 100; 103; 104 e 150.

Os cânticos de Sião

Falam de Jerusalém usando seu nome afetivo de Sião e descrevem a cidade como a escolhida por Deus, afirmando o vínculo afetivo de Deus com a cidade e a proteção que gozam seus habitantes. É a recordação poética do que Deus fez pela cidade nos tempos antigos e um convite para que o interlocutor veja as maravilhas feitas por Ele.

Exemplos: Salmos 46; 48; 76; 84; 87; 122 e 132.

Ação de Graças

Podem ser individuais ou comunitários. São marcados por um tom narrativo em que as formas verbais são tempos históricos. O texto se refere a acontecimentos particulares, precisos, usados como motivo para a glorificação de Deus. Essa narração é feita no modo de um cântico de louvar a Deus. Esses Salmos provavelmente eram cantados em ambiente de culto, em que um indivíduo testemunha a ações salvadoras de Deus. Vemos um exemplo no Salmo 30.

Os Salmos de Súplicas

O salmista contrasta os tempos de paz e abundância com a situação de guerra e destruição em que ele e seu povo vivem. Apresentam o clamor ou grito de socorro da comunidade ou fiel para que Deus transforme sua situação de aflição. Geralmente no vocativo, são lamentos quase sempre de natureza política sobre os infortúnios do povo de Israel, que evoluem para súplicas e pedidos para que Deus transforme a situação; invocação do povo para exercitar a confiança em Deus e mobilização de Deus à ação por honra e amor ao seu nome. Terminam com a certeza de terem sido escutados.

Podem ser individuais ou comunitários, porém o caráter individual pode ser fictício e exprimir a voz de um representante falando em nome da comunidade.

Nos exemplos a seguir, o núcleo da súplica é apresentado por estes versículos:

Salmo 50:

14 Oferece a Deus sacrifício de ações de graças e cumpre os teus votos para com o Altíssimo;

15 invoca-me no dia da angústia; eu te livrarei, e tu me glorificarás.

Salmo 91:

14 Porque a mim se apegou com amor, eu o livrarei; pô-lo-ei a salvo, porque conhece o meu nome.

15 Ele me invocará, e eu lhe responderei; na sua angústia eu estarei com ele, livrá-lo-ei e o glorificarei.

E temos então a situação infeliz, a súplica, os votos sacrificiais que confirmam o pedido, a ação imediata prometida por Deus e o louvor que esta ação provocará.

Os Salmos Reais

São Salmos de louvor ao rei, afirmações do favor de Deus ao rei, orações pelo rei, oráculos reais e descrições da retidão e piedade do rei. Eram executados em festas da corte, na presença do rei, em comemorações por vitória sobre um inimigo, entre outros. Não constituem um único gênero literário, mas pertencem a gêneros literários variados.

Alguns exemplos são: Salmos 2; 18; 20; 21; 27; 51; 60; 61.

Salmos Sapienciais

Estes Salmos não exibem um padrão único, mas compartilham algumas características importantes para serem considerados de um tipo distinto: o salmista apresenta suas próprias palavras como de sabedoria, de instrução, descreve o temor a Deus, aborda seus ouvintes como filhos e adverte, ensina, usa figuras, técnicas de pergunta e resposta, bem aventuras e descrições dos caminhos de Deus.

Exemplos: Salmo 1, 37, 49, 73, 91, 112, 127, 128 e 133.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho visou mostrar o livro dos Salmos como texto literário. Para tanto, no primeiro capítulo expliquei a versão usada e contei um pouco da história do livro e de como ele se insere na Bíblia, sua formação, seus autores, suas divisões e como os poemas se agrupam para formar conjuntos maiores, divididos por assunto e por seus usos. Também falei sobre os efeitos sonoros da repetição de sons e de palavras e da rima, que é pouco usada no texto bíblico, diferentemente da poesia moderna ocidental.

Feito isso, passei à investigação dos estilos e sua estruturação: como aparecem os versos, os refrãos e estrofes e o papel organizador dessas estruturas num tempo em que não existia pontuação, margens e parágrafos. A seguir, apresentei os processos de repetição, inclusão e paralelismo, que são elementos estilísticos que indicam temas maiores e apontam para um sentido mais profundo no texto. Podem ainda estabelecer ritmo, dar ênfase a algum assunto ou marcar a unidade semântica do texto, tudo isso com fluidez e muitas irregularidades, mostrando bastante liberdade.

Depois disso, passei à linguagem simbólica, que, apesar de seu tradicionalismo estilístico, que a torna aparentemente difícil, é limitada e bastante simples, porém não ingênua. Falei das divisões temáticas e dos gêneros, dos mitos e metáforas bíblicas, e da influência desses textos na literatura universal. A poesia dos Salmos nos emociona, pois os versos ecoam em nós como vindos de nosso próprio íntimo. Emil Steiger (1997, p. 59) fala de “disposição anímica”, que é quando estamos dispostos afetivamente e somos tomados pelo poema. Também apresenta o conceito de “recordação”, que significa o ingressar do sujeito no seu mundo interior e ao mesmo tempo o ingressar do mundo dentro do sujeito: o conceito de *um-no-outro*. Esses conceitos nos dão uma pista do motivo pelo qual o Livro dos Salmos arrebatou leitores por séculos, e ainda hoje o faz.

Conforme indiquei na introdução, o foco deste trabalho é compreender a forma poética e verificar as características literárias dos Salmos. Para isso, tentei manter um distanciamento religioso até o ponto em que isso me pareceu possível, já que para mim não há necessidade de separar o que acredito da teoria literária.

Procurei deixar as questões religiosas e a polêmica questão da verdade histórica fora do trabalho, pois é uma questão que envolve outros campos de conhecimento paralelos à literatura. A Bíblia tem muito interesse por questões históricas, porém Frye sustenta que o relato histórico não é sua prioridade. O autor presume que tenha a ver com a profundidade ou significados espirituais. “A prioridade recai sobre a estrutura mítica, ou esboço da história; não sobre o conteúdo histórico.” (FRYE, 2004)

Para ele, se o interesse na leitura bíblica é crítico, não importa tentar obter um resíduo histórico. Do mesmo modo que na leitura crítica de Homero, os eruditos podem respeitar o senso que o poeta tem pelo factual, seja na história ou na geografia; isso não dará maior historicidade ao relato da luta de Aquiles com um deus das águas, por exemplo. Em outras palavras, o senso preciso que um autor tem da história não significa que ele a esteja escrevendo. Se o elemento histórico na Bíblia fosse imperfeito ou impreciso, talvez tivéssemos razões para se reconstituir o passado, mas se ela deixa tão claro que o indício histórico não é sua prioridade, talvez isso queira dizer que devemos buscar outras categorias e critérios totalmente diferentes para nossa crítica.

Frye (2004, p. 73) afirma que “é certo que as partes poéticas da Bíblia são genuinamente poéticas” e que talvez devêssemos ler poeticamente os mitos da Bíblia como lemos Homero. Ele ainda afirma:

(...) os mitos bíblicos estão mais próximos do poético do que do histórico, pois a história faz afirmações particulares e está sujeita a critérios externos de verdadeiro ou falso. A poesia não faz afirmações particulares; portanto não está sujeita aos mesmos critérios. A poesia expressa o universal do evento, o aspecto no evento que o faz um exemplo do tipo de coisa que ocorre sempre. (FRYE, 2004, p. 73)

O mito não é criado para descrever uma situação específica, mas para contê-la de tal modo que não restrinja seu significado àquela única situação, pois sua verdade está dentro da sua estrutura, e não fora dela.

Todavia, “tentar reduzir a Bíblia às bases hipotéticas da poesia também não funciona”, isso funciona com Homero, que é poético como um todo. No entanto, a Bíblia contém áreas muito grandes que não são poéticas, pois ela não está escrevendo a história do mundo, mas está escrevendo a história da salvação, a

história das ações de Deus no mundo e a relação do homem com elas (Frye, 2004, p. 74).

A Bíblia teve forte influência na literatura ocidental, e mesmo assim ninguém diria que ela é uma obra literária. Blake³, grande estudioso da religião ligada à criatividade humana, não chamava a Bíblia de obra literária: ele a chamava de Código da Arte.

Existem muitos críticos importantes que consideram o texto bíblico de grande importância na literatura mundial. Estudando esses três principais autores aos quais tive acesso, chego à conclusão de que o texto bíblico, de linguagem bastante simples e acessível, é ao mesmo tempo complexo. Liga-se a outras passagens bíblicas distantes no tempo, espaço e cultura: o texto não pode ser completamente compreendido se tomamos um trecho isolado. Sua compreensão acontece à medida que conhecemos o todo, pois os textos se ligam como uma teia e também têm camadas de profundidade. Quanto mais se conhece sobre seus diferentes aspectos, mais o leitor se aprofunda no seu significado; quanto mais lemos e compreendemos, enxergamos outros sentidos, outras nuances do texto.

Antes de pesquisar para este trabalho, os Salmos eram para mim de uma imensa riqueza espiritual. A leitura me ensinava sobre mim mesma e sobre Deus, sobre como deveria ser meu relacionamento com ele para que as coisas dessem certo na minha vida. A descrição dos sentimentos, dúvidas e clamores descritos nos textos se encaixava perfeitamente com a minha situação, mas em alguns momentos parecia mesmo um mito, uma bela história de alguém especial que foi socorrido por Deus.

Depois de muitas leituras, percebi que o salmista, especificamente Davi, era um homem comum, cheio de defeitos e pecados escandalosos, e que era seu relacionamento de amizade e confiança em Deus que o tornava especial. Essa amizade era tão importante para ele que, depois de um erro cometido, ele caía em um arrependimento profundo que o conduzia de volta à sua amizade com Deus.

³ William Blake nasceu em 1757 e foi um poeta, tipógrafo e pintor inglês. Ele rejeitava a moral da época e a Igreja institucionalizada. Desenvolveu uma linguagem própria e é um dos responsáveis diretos pelo ressurgimento do romantismo inglês. Não é possível dissociar o poeta e o pintor, pois sua obra é uma composição única, em que suas atividades artísticas, somadas à intelectualidade contestadora, compõem um universo pessoal. Talvez por isso, Blake não foi compreendido por seus contemporâneos.

Essa percepção me levou a outros sentidos e profundidades no texto e também a ver que inúmeros outros personagens bíblicos eram homens comuns, sujeitos às mesmas falhas que eu.

Para mim, a beleza poética do livro dos Salmos era encantadora, mas o alcance dos Salmos ia somente até esse ponto. Não imaginei que essa beleza era artística, proposital e calculada em tantos aspectos. Acostumada à nossa poesia moderna ocidental, eu acreditava que os aspectos poéticos da Bíblia haviam se perdido com a tradução. Não podia imaginar que a beleza que eu percebia nos textos estava ali de maneira pensada, como se o autor, na verdade seus aproximadamente 40 autores, soubesse que seus textos seriam traduzidos e tivesse pensado em uma maneira de não perder a profundidade e riqueza que queria que seus textos tivessem. É como se um “editor” tivesse escolhido o hebraico e o grego antigos para a composição do seu livro porque essas línguas possibilitariam a recuperação dos sentidos do texto em diversas línguas, e a recuperação da beleza estética. Estava ainda contido neste cálculo que o uso extravagante de metáforas não apagaria o valor do uso literal e até reforçaria as ideias. Para quem crê em Deus é maravilhosa a descoberta de que Ele se importa, e muito, com literatura.

Outro engano que cometemos ocorre porque modernamente temos a concepção de que a individualidade de um autor forma as qualidades que mais admiramos na literatura. Essa percepção nos dificulta o entendimento e a aceitação de que na Bíblia o esmagamento da individualidade produziu “mais originalidade e brilho, ao invés de menos” (FRYE, 2004, p. 242).

A simplicidade do texto bíblico não é de modo algum ingênuo: “sua simplicidade expressa a voz da autoridade. (...) A expressão verbal mais pura de autoridade é a voz de comando, como num exército”, ou seja, quanto mais alta a autoridade, mais simples e claro é o comando. Deus diz: Faça-se a luz, e a luz se faz, incapaz de desobedecer (FRYE, 2004, p. 249).

Segundo Frye, a abordagem da Bíblia como obra literária é legítima, pois “nenhum livro pode ter um significado coerente se não possuir alguma coerência em sua forma” (FRYE, 2004, p. 11) e “nenhum livro poderia ter influência literária tão pertinaz sem possuir, ele próprio, características de obra literária.” (FRYE, 2004, p. 14)

Assim, não apenas é legítimo o estudo da Bíblia, e mais especificamente dos Salmos como texto literário, como também recusar à Bíblia os níveis de importância

que ela alcançou no passado, repudiar a herança bíblica como um todo e a diversidade de documentos que contêm histórias antigas, poemas, leis, profecias é ignorar a importância central que ela tem na história da cultura que herdamos. A linguagem e suas mensagens simbolizam para nós o passado histórico que necessitamos compreender para compreendermos a nós mesmos, segundo expressam Robert Alter e Frank Kermode (1997).

De acordo com estes autores (1997, p. 12), a crítica literária secular atribui à Bíblia “grande força e autoridade literária”. Eles defendem que a Bíblia moldou mentes e vidas de homens e mulheres inteligentes por mais de dois milênios. Ela ainda:

atinge seus efeitos por meios que não são diferentes dos geralmente empregados pela linguagem escrita. Isto é verdade quaisquer que sejam nossas razões para atribuir valor a ela – como o relato da ação de Deus na história, como texto fundador de uma religião ou religiões, como guia de ética, como evidências sobre povos e sociedades no passado remoto e assim por diante. (ALTER; KERMODE, 1997, p. 12)

Desse modo, percebo que a análise literária é de grande importância para o texto bíblico, pois se não tivermos um entendimento claro do que o texto está fazendo e dizendo, ele não atingirá todos os seus objetivos sob os outros aspectos e talvez nem mesmo os níveis superficiais de compreensão. Precisamos aprender a lê-lo bem, pois ao longo da história percebemos o que aconteceu quando pessoas o leram mal, equivocadamente ou com falsas suposições como aconteceu, por exemplo, na Inquisição. (ALTER; KERMODE, 1997)

Para mim, a análise literária evidencia a beleza artística da Bíblia e é necessária para que o leitor a interprete bem. Aprendi nas aulas de literatura que o texto transforma o leitor e este já não é o mesmo; e quando lemos o texto novamente, o vemos sob um novo olhar, de forma que o texto também está mudado. Assim, acredito que quando lemos e relemos princípios espirituais como os que estão escritos na Bíblia, eles nos transformam, alterando nossa maneira de pensar e viver. Mas se as pessoas não os leem e nem os conhecem e, pior, discordam do que não compreendem, que resultados colheremos de gerações que ignoram princípios espirituais norteadores do ser humano?

Não estaria no distanciamento dos princípios de Deus e no aumento da maldade humana a causa do desmoroamento da sociedade moderna e todas as suas mazelas?

BIBLIOGRAFIA

ALTER, Robert; KERMODE, Frank (Orgs.). **Guia Literário da Bíblia**. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

AOAL. Disponível em <http://www.aoal.org/Hebrew/AudioBible/27_Psalms/27-Psa_122.mp3>. Acesso em: 22 mai. 2014.

BÍBLIA EM HEBRAICO. Disponível em:
<<http://www.hebraico.pro.br/biblia/quadros.asp>>. Acesso em: 22 mai. 2014.

BÍBLIA. Disponível em:
<<http://biblia.com.br/joaoferreiraalmeidarevistaatualizada/Salmos/>>. Acesso em: 08 mai. 2014.

DAVIDSON, F. (Ed.). **Novo Comentário da Bíblia**. São Paulo: Vida Nova, 1997.

ESTUDOS DA BÍBLIA. Disponível em: <http://www.estudosdabiblia.net/b08_1.htm>. Acesso em 20 mai. 2014.

FRYE, Northrop. **Código dos Códigos: a Bíblia e a Literatura**. Tradução de Flávio Aguiar. São Paulo: Boitempo, 2004.

MONLOUBOU, L. **Os Salmos e os outros escritos**. Tradução de Benômi Lemos. São Paulo: Paulus, 1996.

RADMACHER, Earl. D; ALLEN, Ronald B.; HOUSE, H. Wayne. (Ed.) **O novo comentário bíblico – Antigo Testamento: a palavra de Deus ao alcance de todos**. Rio de Janeiro: Central gospel, 2010.

SCHÖKEL, Luís Alonso; CARNITI, Cecília. **Salmos I: salmos 1-72**. Tradução de João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1996.

SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. **Antigo Testamento Hebraico**. Disponível em:
<<http://www.sbb.org.br/interna.asp?arealD=42>>. Acesso em: 26 mai. 2014.

SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. **Os originais**. Disponível em:
<<http://www.sbb.org.br/interna.asp?arealD=41>>. Acesso em: 08 mai. 2014.

STEIGER, Emil. **Conceitos Fundamentais da Poética**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.

TOMACHEVSKI, Boris. **Teoria da Literatura: formalistas russos**. Porto Alegre: Globo, 1970.

WIKIPEDIA. **Livro dos Salmos**. Disponível em:

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Livro_de_Salmos>. Acesso em: 04 jun. 2014.

WIKIPEDIA. **Septuaginta**. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Septuaginta>>. Acesso em 04 jun. 2014.

WIKIPEDIA. **Vulgata**. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Vulgata>>. Acesso em: 04 jun. 2014.